

AGROECOLOGIA, BEM VIVER E O ‘DIA DEPOIS DO DESENVOLVIMENTO’

José de Souza Silva[2]

...discussões sobre desenvolvimento requerem abordar a essência do capitalismo. O dia depois do desenvolvimento é um dia de mudanças radicais...esse dia é hoje (GUDYNAS, 2009, p. 33).

O desenvolvimento é o zumbi de um capitalismo sem alma. Oculto na ideia de “progresso”, na colonização, e de “desenvolvimento”, na globalização, o capitalismo, cujo *modus operandi* dissolve o sólido e profana o sagrado, que Shumpeter conceituou como *destruição criativa*, ameaça de extinção a vida na Terra. Paralelo à crise civilizatória que condiciona o fim de mitos modernos —*progresso, desenvolvimento*— emerge o paradigma do Bem Viver como um novo horizonte de sentido utópico inspirador de alternativas ao —*e não de*— desenvolvimento. A ciência da Agroecologia se consolida no vácuo ético da crise civilizatória e está em sintonia com a filosofia do Bem Viver inspirando a construção de alternativas orientadas para a vida. O artigo (a) problematiza o paradigma de desenvolvimento; (b) sintetiza o Bem Viver através de premissas paradigmáticas que inspiram sua construção; e (c) partilha premissas descolonizadoras do pensamento —*Norte-cêntrico*— dominante. São premissas —*verdades*— prenes de indignação e esperança, as parceiras do ‘dia depois do desenvolvimento’, ou seja, depois do capitalismo, para que a humanidade se beneficie integralmente da Agroecologia, uma ciência que emerge para o Bem Viver e não para o desenvolvimento.

QUE É DESENVOLVIMENTO? CAPITALISMO SOB A DICOTOMIA SUPERIOR-INFERIOR

O regime capitalista de acumulação [é] um sistema de valores, um modelo de existência, uma civilização, a civilização da desigualdade

(Joseph Schumpeter, em ACOSTA, 2017, p. 15).

Não sabe para onde vai quem não sabe de onde vem. Modelos de desenvolvimento são concebidos sem uma crítica da história das relações poder/saber na construção de eventos transformadores da realidade condicionados por invenções políticas / ideológicas / epistêmicas criadas por impérios do Norte para a dominação / exploração dos povos do Sul global (SILVA, 2014a). Seus ideólogos ocultam a natureza —*racial, patriarcal, genocida, etnocida, epistemicida, ecocida*— de seus modelos capitalistas, “universais”, que fracassam porque a realidade não é homogênea (nem pode ser homogeneizada) e nunca cumprem suas promessas feitas em nome do “progresso” (DUPAS, 2006), na colonização, e do “desenvolvimento” (ATTALI *et al.*, 1980), na globalização. Estruturalmente injusto (PIKETTY, 2013), o capitalismo nunca foi apresentado por seu nome próprio para evitar explicações sobre seu objetivo insano de produção infinita de riqueza material, num planeta finito, através da estratégia de crescimento econômico ilimitado e o critério do lucro máximo no curto prazo a qualquer custo, condicionantes de decisões no sistema-mundo que acumula com concentração, por despossessão e sem distribuição (WALLERSTEIN, 1999). Insaciável, o capitalismo devora mercados cativos, matéria prima abundante, mão de obra barata, mentes dóceis e corpos disciplinados, enquanto viola o humano, o social, o cultural, o ecológico, o espiritual, o ético (SILVA, 2018). Foi necessário inventar uma ideia sedutora para ocultar o capitalismo, justificar a ocidentalização do mundo, legitimar a dominação do Norte superior para a exploração do Sul inferior. O *direito do mais forte* foi criado a partir da noção de raça e fez a classificação social da humanidade (QUIJANO, 2000), na qual a raça branca (superior)

tem o direito à dominação e as demais raças (inferiores) a obrigação da obediência. Nasceu a dicotomia superior-inferior. Progresso foi a ideia que galvanizou mentes e conquistou corações em todas as geografias, religiões e ideologias. As promessas de prosperidade, felicidade e paz estavam disponíveis somente para quem adotasse a ciência e a tecnologia modernas, ocidentais. Com a Segunda Guerra Mundial, a humanidade se desencantou com o progresso por sua participação na “Solução Final” para a Questão Judia, o Holocausto, e na criação da Bomba Atômica, lançada sobre Hiroshima e Nagasaki. Em 20/01/1949, Henry Truman, em seu discurso inaugural como Presidente dos EUA, instituiu a ideia de desenvolvimento (ESCOBAR, 1998; RIST, 1997; SACHS, 1996;) em substituição à ideia de progresso, substituindo também o binômio civilizado-primitivo, da era da colonização, pelo binômio desenvolvido-subdesenvolvido, da era da globalização. Assim, progresso = desenvolvimento = capitalismo (SILVA, 2018).

POR QUE EMERGE O PARADIGMA DO BEM VIVER?

Nosso PIB toma em conta [...] Porém, o PIB não...mede a beleza de nossa poesia [...] Em uma palavra: o PIB mede tudo, exceto o que faz valer a pena viver a vida.[3]

A civilização ocidental está em crise por não assegurar a sustentabilidade da vida (FOSTER, 2013) e não cumprir as promessas de prosperidade, felicidade e paz, nem sequer nos EUA (PIKETTY, 2013; SILVA, 2018), “ideal” de sociedade industrial capitalista: (a) com 5% da população mundial, o país consome 40% do total de recursos naturais consumidos no mundo; (b) é o país mais desigual entre seus pares desenvolvidos; (c) sua sociedade é campeã mundial do consumo de drogas por não ser feliz como sociedade de consumo; e (d) 65% de sua economia depende mais da guerra do que da paz. É crítico, pois, descolonizar o pensamento dominante que reproduz o desenvolvimento (SILVA, 2018): (a) Que sujeitos

políticos criaram as *verdades* que sustentam o paradigma de desenvolvimento? (b) De que lugar geográfico esses sujeitos enunciaram suas verdades? (c) Em que momento histórico isso aconteceu? (d) Com que intenção política Eles criaram suas verdades? (e) Que processos institucionais transferiram essas verdades até nós? e, (f) Que instituições ainda hoje reproduzem tais verdades entre nós? Quem investiga respostas para essas perguntas constrói critérios para identificar premissas falsas/irrelevantes, das quais deve emancipar-se para conceber outras premissas comprometidas com seus saberes, experiências, histórias, sonhos, locais. A partir das respostas, pode-se responder a outras perguntas afins (SILVA, 2018): Por que, depois de séculos de progresso e décadas de desenvolvimento, a humanidade segue mais desigual e o Planeta mais vulnerável? Por que, depois de séculos sendo “civilizada” por impérios ocidentais e décadas sendo “desenvolvida” pelos EUA, a América Latina é a região mais desigual do mundo? Em resposta à crise sistêmica do desenvolvimento (SACHS 1996; WALLERSTEIN, 1999), ou seja, do capitalismo (MÉSZÁRUS, 2017), emerge na América Latina o paradigma do Bem Viver (ACOSTA, 2017). Das cosmovisões de povos originários e seus saberes ancestrais emerge outra filosofia de vida: forma ética (coletiva/comunitária) de ser e sentir, pensar e agir, produzir e consumir, comunicar-se e relacionar-se entre os humanos e com a natureza. O Bem Viver (SILVA, 2018): (1) não aceita a meta universal “ser civilizado”, da colonização, e “ser desenvolvido”, da globalização, pois o fim para um Povo é ser feliz cultivando modos de vida sustentáveis; (2) rejeita a existência de um modo de vida superior, desenvolvimento, a ser emulado/alcançado, e um modo de vida inferior, subdesenvolvimento, a ser rejeitado / superado, porque todos sempre fomos, somos e seremos diferentes; e, (3) não se subordina à dicotomia superior-inferior que já nos classificou em civilizados-primitivos e hoje nos hierarquiza em desenvolvidos-subdesenvolvidos.

Como consequência, o Bem Viver inspira a concepção de *alternativas ao desenvolvimento* (GRUPO PERMANENTE DE TRABAJO SOBRE

ALTERNATIVAS AL DESARROLLO, 2013; GUDYNAS, 2011). Entre rupturas e emergências paradigmáticas da atual mudança de época (FOSTER, 2013; SILVA, 2004), surge a Agroecologia, imprescindível para a soberania alimentar (SCHUTTER, 2013), uma ciência transdisciplinar que incorpora premissas filosóficas (SILVA, 2014b) nutridas também em estudos de complexidade e estudos culturais com potencial para contribuir em intervenção na gestão das relações cambiantes entre a ciência, a tecnologia e a sociedade no processo de inovação, onde importam a felicidade dos Povos e a sustentabilidade de seus modos de vida: o Bem Viver.

CONSTRUINDO ALTERNATIVAS AO DESENVOLVIMENTO

Dentro do capitalismo não há solução para a vida; fora do capitalismo há incerteza, mas tudo é possibilidade. Nada pode ser pior do que a certeza da extinção. É tempo de inventar, é tempo de ser livre, é tempo de Viver Bem (Ana Esther Ceceña, em ACOSTA, 2017, p. 7).

Numa mudança de época histórica tudo está em crise. *Como pensar uma forma de superar a crise se também está em crise a forma dominante de pensar?* A descolonização do pensamento subordinado ao conhecimento autorizado pelos “desenvolvidos” é um imperativo político-ético-epistêmico para que “subdesenvolvidos” descubram que não são inferiores; são livres para pensar desde valores, interesses e compromissos de sua comunidade, seu Povo, sua classe social, sua sociedade. A construção de *alternativas ao desenvolvimento* implica em refletir sobre a crise do desenvolvimento (ATTALI et al, 1980; ESCOBAR, 1998; GUDYNAS, 2009; RIST, 1997; SACHS, 1996) e imaginar o Bem Viver emergente (ACOSTA, 2017; GUDYNAS, 2011; SILVA, 2018). Imaginar o Bem Viver para construí-lo exige pensar através de premissas prenhes de indignação e esperança, as parteiras da emancipação de mentes críticas e corações solidários que ainda são reféns de premissas do

paradigma de desenvolvimento. Exemplos de premissas emancipadoras (SILVA, 2018): (a) a humanidade vive uma mudança de época e não uma época de mudanças; (b) estão em crise a civilização ocidental e sua sociedade industrial capitalista, instituições modernas, marcos intelectuais derivados da ideia de progresso/desenvolvimento; (c) progresso e desenvolvimento são mitos modernos criados para ocultar o capitalismo e a dicotomia superior-inferior que viabiliza sua expansão imparável e incontrolável; (d) não é verdade que ‘o relevante’ existe sempre em determinados idiomas, é criado sempre por determinados sujeitos e nos chega sempre de determinados lugares, que nunca coincidem com nossos idiomas, sujeitos e lugares; (e) é mais sábio aprender inventando a partir de experiências locais do que perecer imitando a partir de modelos globais; (f) nada é anterior nem superior à vida, que é a origem, centro e fim de todo pensar e atuar humano; (g) a sustentabilidade implica cultivar relações, significados e práticas que geram a vida, sustentam a vida e dão sentido à existência da vida humana e não humana; (h) dada a interdependência entre todos os seres vivos, a sustentabilidade da vida em um território é uma propriedade emergente da interação solidária entre todas as formas e modos de vida humana e não humana no referido território; (i) o conhecimento significativo é interativamente gerado (intercâmbio de experiências) e socialmente apropriado (diálogo de saberes) no contexto de sua aplicação (dimensão prática) e implicações (dimensão ética); (j) a inovação relevante emerge de complexos processos de interação social (intercâmbio de experiências) com a participação (diálogo de saberes) daqueles que a necessitam (dimensão prática) e serão por ela impactados (dimensão ética); (k) princípios como solidariedade, reciprocidade, complementaridade, cuidado com o Outro, são constitutivos de modos de vida sustentáveis; e (l) o capitalismo é incompatível com o Bem Viver e, portanto, com a Agroecologia, por ordenar o mundo para o capital em detrimento da vida humana e não humana. A partir de premissas como essas, é possível imaginar giros paradigmáticos para instituições de inovação que

aspirem contribuir à construção de *alternativas ao desenvolvimento*, como, por exemplo: (a) do desenvolvimento sustentável à sustentabilidade dos modos de vida; (b) do desenvolvimento rural ao Bem Viver rural; (b) da eficiência produtiva à produção eficiente ‘do suficiente’; (c) das “visões —*mecanicista, mercadológica, tecnicista, determinista*— reducionistas” de mundo à visão contextual de mundo que incorpora a complexidade, diversidade e diferenças da realidade translocal; e (d) do modo de inovação —*modo de interpretação + modo de intervenção*— que entrega o peixe ou transfere o anzol ao modo de inovação que compartilha a ‘arte de fazer anzóis; os talentos locais, que conhecem suas águas e seus peixes, devem ser capazes de construir anzóis nos tamanhos e formas que suas realidades requerem e aspirações exigirem.

CONCLUSÃO: O ‘DIA DEPOIS DO DESENVOLVIMENTO’

Posso indicar sucintamente o que para mim constitui a essência da crise de nosso tempo [...]. A anarquia econômica da sociedade capitalista, tal como existe atualmente, é, em minha opinião, a verdadeira origem do mal (EINSTEIN, [1949] 2012, p. 4).

Agroecologia é a ciência do Bem Viver rural. Comprometida com a sustentabilidade da trama de relações, significados e práticas entre todas as formas e modos de vida humana e não humana, a ciência emergente da Agroecologia é uma fecunda fonte de inspiração / orientação de decisões / ações

críticas para a construção de comunidades, Povos, sociedades, felizes e com modos de vida sustentáveis. Assim, a Agroecologia é fonte de inspiração para a construção do ‘dia depois do desenvolvimento’ no mundo rural. Esse dia chegará em diferentes momentos para comunidades, Povos, sociedades, que decidirem emancipar-se das promessas, premissas, conceitos, teorias, modelos, indicadores, matriz semântica, do paradigma de desenvolvimento que a institucionalidade capitalista global reproduz diariamente através de um discurso (fonte do desenvolvimento como realidade), regras políticas (fonte de poder), valores culturais (fonte de sentido), autoridades epistemológicas (fonte de verdades), arranjos institucionais (fonte de padrões de comportamento social) e práticas institucionais (fonte de mudanças) que incidem sobre as práticas sociais cotidianas de cidadãs e cidadãos comuns. Se não construirmos o Bem Viver, com *alternativas ao desenvolvimento*, adiaremos o ‘dia depois do desenvolvimento’, sacrificando no falso altar do desenvolvimento a possibilidade de um mundo que caiba todos os mundos, construindo *alternativas de desenvolvimento*, ou seja, alternativas capitalistas que ameaçam de extinção a vida na Terra. Até quando? A que custo?

[2] Embrapa Algodão, Campina Grande-PB. josedesouzasilva@gmail.com

[3] Fragmento do discurso de **Robert K. Kennedy**, candidato à Presidência dos Estados Unidos, publicado em 18/03/1968 (BAUMAN, 2009, p. 10). Poucas semanas depois ele foi assassinado, talvez por questionar o indicador de “desenvolvimento” que permite ao sistema capitalista ordenar os países, do mais “desenvolvido”, superior, ao menos “desenvolvido”, inferior, ou seja, do mais ao menos capitalista.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. **Bem Viver: Uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária e Elefante Editora, 2017.
- ATTALI, J. *et al.* **El Mito Del Desarrollo**. Barcelona: Kairós, 1980.
- BAUMAN, Z. ¿Qué hay de malo en la felicidad?. **Claves de Razón Práctica**, n. 189, p. 8-18, 2009.
- DUPAS, G. **O Mito do Progresso**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- EINSTEIN, A. Why Socialism? **Monthly Review**, v. 1, n. 1, 2009 [1949].
- ESCOBAR, A. **La Invención del Tercer Mundo: Construcción y reconstrucción del desarrollo**. Buenos Aires: Norma, 1998.
- FOSTER, B. The Epochal Crisis. **Monthly Review**, v. 65, n. 05, 2013.
- GRUPO PERMANENTE DE TRABAJO SOBRE ALTERNATIVAS AL DESARROLLO. **Alternativas al Capitalismo/Colonialismo del Siglo XXI**. Quito: Fund. Rosa Luxemburg / Editorial Abya Yala, 2013.
- GUDYNAS, E. El día después del desarrollo. **AMÉRICA LATINA EN MOVIMIENTO**, 445, junho, p. 31-33, 2009.
- _____. Buen Vivir: Germinando alternativas al desarrollo. **AMÉRICA LATINA EN MOVIMIENTO**, 462, fevereiro, p. 1-20, 2011.
- MÉSZÁRUS, I. Capital's Historic Circle is Closing: The challenge to secure exit. **Monthly Review**, v. 69, n. 7, 2017.
- PIKETTY, T. **O Capital no Século XXI** (Tradução de Mônica Baungarten de Bolle). Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda, 2013.
- QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of World-Systems Research**, v. 11, n. 2, Summer/Fall, pp. 342-386, 2000.
- RIST, G. **The History of Development: From western origins to global faith**. Londres: Zed Books, 1997.
- SACHS, W. (Ed). **Diccionario del Desarrollo: Una guía del conocimiento como poder**. Cochabamba, Bolivia: Centro de Aprendizaje Intercultural-CAI, 1996.
- SCHUTTER, O. El potencial de la Agroecología. *In*: HOLT-GIMÉNEZ, E. (Ed). **Movimientos alimentarios uníos! Estrategias para transformar nuestros sistemas alimentarios**. Bogotá: ILSA / Food First Books, p. 227-242, 2013.
- SILVA, J. de S. A mudança de Época e o Contexto Global Cambiante: Implicações para a mudança institucional em organizações de desenvolvimento. *In*: LIMA, S. V. (Ed). **Mudança Organizacional: Teoria e Gestão**. Brasília: FGV, p. 65-110, 2004.
- _____. O poder da ciência, a ciência do poder e o futuro da questão alimentar. **Reforma Agrária**, v. 1, n. 1, p. 79-102, 2014a.
- _____. O dia depois do desenvolvimento: Giro filosófico para a construção de uma agricultura familiar agroecológica. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 401-420, 2014b.

_____. **Investigación Científica: ¿Para el desarrollo o para la vida?** Saarbrücken, Alemania: Editorial Académica Española – EAE, 2018.

WALLERSTEIN, I. **The End of the World As We Know It: Social science for the twenty-first century.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.